

O Quartel dos Bombeiros da Régua - Notas para a sua história

Instalaram em 1880 os bombeiros da Régua o seu primeiro quartel no rés - do chão de um prédio que ainda existe no Largo dos Aviadores. Apesar de não haver informações exactas, sabe-se que se mantiveram na naquele local, durante alguns anos, apesar de ser um espaço sem as condições para guardarem o material de incêndios nem para os bombeiros prestarem condignamente o seu serviço à população.

Nos inícios da década de 1910, os bombeiros mudavam o quartel para uma velha casa que existiu na Rua dos Camilos – o Cimo da Régua - onde hoje se encontra construído um prédio da família Fortunato. Sabe-se que era um quartel exíguo e não tinha melhores requisitos que o primeiro. Consta que em matéria de operacionalidade seria muito inferior. As formaturas de bombeiros faziam-se no meio da rua e “os carros entravam à justa na porta estreita sempre com grande vozeria de indicações e avisos”. Como quartel era um espaço muito deficiente, sem qualidade para os fins dos bombeiros, mas tornou-se um lugar de convívio dos associados e amigos que aí se reuniam para conversar, jogar as cartas, fazer a leitura de um ou outro livro que se guardavam nas estantes ou pelo prazer de merendar no improvisado bar uns bons petiscos. É desse tempo, o conhecido quarteleiro Zé Pinto, dedicado bombeiro que tomou conta desse quartel num minúsculo quarto e, a partir daí, ficou e serviu a corporação quase até à sua velhice. Desde tempo, era comandante do corpo activo Camilo Guedes Castelo Branco, um notável cidadão reguense, prezado como poeta e dramaturgo de talento que, quem o conheceu, dizia que a “presença criava uma atmosfera de respeito e afectividade”.

Desde a fundação que a associação ganhava mais prestígio quer a nível local quer distrital e a corporação aumentava o seu material e o seu número de bombeiros no seu quadro activo. De ano para ano, a construção quartel era uma obrigação que se imponha a qualquer direcção e comando. Apesar dos esforços e inúmeras tentativas dos dirigentes com o poder político de então – governo e a câmara municipal - para resolução desta imperiosa necessidade dos bombeiros, não encontravam vontade nem intenção de quem mudar esta realidade, situação que muito prejudicava o desempenho dos bombeiros.

Como sempre, os bombeiros não desistiram e não perderam a esperança. E, orgulhosos da sua missão, tudo fizeram para que esse sonho se concretizasse o mais rapidamente possível. Em 1925, o Comandante José Afonso Oliveira Soares, com o génio de dotado artista, deu um grande contributo, ao fazer um projecto para a construção do quartel que, se segundo as suas indicações, se haveria de construir ao fundo do jardim municipal (antigo Jardim Alexandre Herculano), mas que nunca

saiu dos papéis, onde o desenhou com toda a paixão e perfeição, talvez pela simples razão de a associação não dispor dos necessários recursos económicos.

Nessa época temos conhecimento que as dificuldades financeiras dos bombeiros eram mais muitas. O relato que o presidente da direcção Dr. Ernesto José dos Santos fez nas suas memórias, "Ao Correr da Pena", comprova o mau momento que a associação vivia em termos de recursos. Com lucidez, esse director refere que a associação "tinha os seus órgãos de execução em mau e deficiente estado económico, faltando-lhe a todos os títulos a diligencia, dinamismo, ponderação e maleabilidade". Aliás, um outro presidente da direcção, o Dr. Mário Bernardes, confirmava essas deficiências ao divulgar nas memórias, "Evocação", o seguinte: " pouco podia realizar-se naquela casa pobrezinha, onde faltava pecúnia e sobravam aspirações e boa vontade", acrescentando que "era injusta a atitude da Câmara para com os bombeiros" porque na sua opinião, "tudo se resumia à concessão de um subsidio mensal demasiado pequeno, em face dos encargos que o município viria a contrair se viesse a organizar os seus serviços de incêndios, no dia em que a Associação, privada de recursos, tivesse de findar".

Como cidadão e médico na Régua, ele sabia que a associação não se extinguia assim, mesmo por maiores que fossem as crises ou a falta de meios. Os beneméritos que a rodeavam de protecção e ajudas e os seus bombeiros abnegados eram os valores seguros que a mantinha viva e actuante. Não admira que aquele seu discurso que reivindicava aos políticos locais ajuda para os bombeiros de nada valesse, pois tudo ficou na mesma por mais alguns anos, e como ele veio desabafar "ninguém estranhou e nem eu não estranhei".

Nas primeiras três décadas do século passado, o relacionamento dos bombeiros poder local foi bastante problemático. Pode dizer-se, que se sentia uma notória falta de apoio, um alheamento aos seus problemas e até um certo desdém pelos seus destinos. Contudo, com a nomeação do Dr. Mário Bernardes Pereira para presidir a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, os bombeiros serão finalmente reconhecidos e, sem grandes delongas, foram contemplados com os auxílios para resolver os seus problemas. Nessa comissão constituída, por alguns rapazes bairristas e de valor, encontrava-se como seu vogal Jaime Guedes Castelo Branco, que era um dedicado director da associação e o melhor conhecedor das dificuldades dos bombeiros. Atenta essa sua faceta, foi a ele que coube fazer as propostas nas reuniões da Comissão Administrativa para que fosse concedido um aumento do subsidio e a cedência de uma parcela de terreno para os bombeiros edificarem o seu quartel, como se pode verificar pela consulta às actas das sessões de 12 e 19 de Novembro de 1930.

A proposta para a expropriação amigável de uma parcela de terreno, sito então na Av. da Liberdade – hoje conhecida como Av. Antão de Carvalho – foi

fundamentada nestes termos: “Tendo a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Peso da Régua necessidade imperiosa de um edifício próprio que sirva de quartel e arrecadação de todo o seu importante material de incêndio, que se encontra disperso por vários locais com reconhecidos prejuízos para os rápidos serviços do cargo...”

Numa cerimónia solene, realizada no dia 30 de Novembro de 1930, na então Av. da Liberdade – actual Av. Antão de Carvalho - a Comissão Administrativa fez a entrega pública, ao presidente da direcção, Dr. Ernesto José dos Santos e ao Comandante Camilo Guedes Castelo Branco, de uma “ faixa de terreno, sito nesta Avenida, com cerca de duzentos metros quadrados, terreno que vai ser destinado à construção da sede da mesma Associação”.

Assim, com esta importante ajuda os bombeiros puderam concretizar a construção do sonhado quartel. A direcção que, em 1929, tinha mandado elaborar ao conceituado arquitecto Oliveira Ferreira um projecto de arquitectura do edifício do quartel, abriu de imediato um concurso para a construção da obra. Desconhecendo-se houve ou não mais propostas, a obra foi adjudicada ao empreiteiro Anastácio Inácio Teixeira, conhecido mestre pedreiro, natural da Régua.

Iniciava-se de seguida a construção do quartel. Esse momento mereceu um curioso retrato que, pela primeira vez, se divulga. Permite a antiguidade da imagem que observemos a erguerem-se as primeiras paredes e o arco frontal em granito. Esperava-se que fosse concluída num curto prazo, o que não veio a acontecer. Devem ter sido várias as circunstâncias, mas um erro no valor da proposta apresentada pelo empreiteiro, segundo se diz muito abaixo do previsto no orçamento, o qual também estaria errado, fez com que surgissem os problemas. Como a associação não dispunha de mais fundos as obras tiveram de parar, ficando apenas construída uma armação de paredes sem as condições para receber os carros de fogo, as ambulâncias e os bombeiros.

Custa a crer, mas é verdade! Sem que ninguém faça mais nada, o edifício vai permanecer como obra inacabada até 1954. O quartel vai ficar reduzido a um esqueleto, sem portas, sem janelas e sem telhado. Na verdade, durante mais de vinte e cinco anos, os bombeiros vão continuar a trabalhar nas instalações inapropriadas do quartel da Rua dos Camilos.

Para melhor se entender os passos lentos da história da construção do quartel, recordamos na situação que o encontrou Manuel Alves Soares, antigo presidente de Câmara Municipal da Régua, que referiu o seguinte: “ Aí por volta do ano de 1947, quando por circunstancias varias (...) me vi alcandorado no lugar de primeiro magistrado do concelho, tive ocasião de ajudar no seu arranque definitivo, o edifício inacabado daquela prestimosa associação...Tinha-se erguido um

esqueleto de aspecto arquitectónico que prometia brilhar no futuro, mas durante alguns anos assim se conservou, sem portas, sem janelas e sem telhado. Servia unicamente de sentinas públicas mas sem saneamento (...) Logo no primeiro dia e por mera curiosidade, entrei nos baixos, para ver o seu interior que contrastava tristemente com aquela magnífica frontaria tão bem trabalhada, revelando o excelente artista que a tinha concebido. Fiquei indignado e enojado com o que vi! Grandes buracos abertos junto aos alicerces onde se lançavam as mais variadas porcarias e muita gente ali fazia as suas necessidades, e de tal maneira, que o cheiro lá dentro era repugnante e pestilento. Vendo que os bombeiros estavam pessimamente instalados na Rua dos Camilos, e ansiavam por ter a sua sede, tratei imediatamente de contactar a sua direcção, nomeadamente Jaime Guedes (...) no sentido de acabar o quartel”.

Não foi ainda desta vez que se concluíram as obras do quartel. De qualquer forma, esse presidente de câmara conseguiu do Ministro das Obras Públicas, Eng. José Frederico Ulrich - que veio a Régua visitar essa obra e não gostou nada do que viu - um subsídio para realizar mais umas obras de beneficiação no quartel, mas como a verba era insuficiente para acabar a obra, de forma a permitir a utilização como um quartel pelos bombeiros. Por mais anos, os bombeiros continuaram a fazer o seu serviço num quartel que não dignificava a sua missão e sem condições para prestarem melhores serviços à comunidade.

Em 1954, uma direcção presidida pelo Dr. Júlio Vilela (1954-1963) assume os destinos da associação tendo como preocupação principal realizar a “primeira e mais premente fase de acabamento” do quartel. Numa hábil negociação política, obtém das mãos do Ministro das Obras Públicas, Eng. Arantes de Oliveira – que se fez deslocar numa visita à Régua - um subsídio no montante de 54.000\$00, o qual possibilitou fazer algumas das obras necessárias, isto é, acabar o arranjo das fachadas e fazer todas as infra-estruturas no do rés-do-chão do edifício e primeiro andar do edifício.

Nas comemorações do 75º aniversário da associação, realizadas em 4 de Novembro de 1955 - ainda com uma segunda fase de trabalhos de acabamentos para concluir - é feita a inauguração do quartel dos bombeiros da Régua. O senhor bispo do distrito de Vila Real celebrou a bênção das novas instalações.

Finalmente, nesse ano de 1955, os bombeiros mudavam-se de casa. Deixavam, sem saudades, o velho quartel no Cimo da Régua para estrear um novo – baptizado de Quartel Delfim Ferreira – que tinha as condições que ansiavam para prestarem um moderno serviço de socorro e de protecção civil.

Mas, em 1980 uma direcção empenhada e dinâmica, liderada pelo Dr. Aires Querubim (1972-1981), com o apoio do Ministério da Administração Interna,

toma a decisão ampliar o quartel, construindo um novo corpo contíguo ao existente, que imita rigorosamente a estética do projecto original. O edifício, para além de ficar com uma maior área social e operacional, torna-se mais espectacular na dimensão das suas harmoniosas linhas arquitectónicas, que lhe garantem na paisagem urbana uma imagem ainda mais monumental.

Deve reconhecer-se que o processo de construção do quartel foi demorado, complexo e árduo. Foram precisos muitos anos de trabalho, empenhamento, sacrifícios e, sobretudo, uma conjugação de vontades de gerações de pessoas, para que os bombeiros da Régua tivessem ao seu dispor um magnífico quartel – o Quartel Delfim Ferreira -, uma obra que cativa a atenção de todos pela excepcional beleza da sua fachada principal, embelezada com granitos trabalhados à mão, é que por muitos é considerada a mais bonita “Casa dos Bombeiros Portugueses”.

Deve reconhecer-se que o processo de construção do quartel foi demorado, complexo e árduo e cheio de vicissitudes. Foram precisos muitos anos de trabalho, empenhamento, sacrifícios e, sobretudo, uma conjugação de vontades de gerações de pessoas, para que os bombeiros da Régua tivessem ao seu dispor um magnífico quartel – o Quartel Delfim Ferreira -, uma obra que cativa a atenção de todos pela excepcional beleza da sua fachada principal, embelezada com granitos trabalhados à mão, é que por muitos é considerada a mais bonita “Casa dos Bombeiros Portugueses”.

Para se compreenderem as adversidades vividas pelos directores e bombeiros desses tempos, evocamos as memórias do velho Chefe António Guedes, “Bombeiros Voluntários: Recordando...”, escritas no jornal “O Arrais”, que sobre o velho quartel da Rua dos Camilos, onde serviu como bombeiro, e a construção do novo – como orgulhosamente salienta, o primeiro e gigantesco passo para a concretização do grande e sublime sonho há muito embalava os velhos bombeiros - nos conta com significativo interesse o seguinte:

“O quartel dos Bombeiros Voluntários da Régua encontrava-se pessimamente instalado no rés-do-chão de uma velha e acabada casa, situada num local imprópria, não só devido à pouca largura da rua como, ainda, pelo trânsito intenso e continuo que por ela passava.

De facto, na estrangulada rua dos Camilos, quase na confluência com a rua Serpa Pinto, tornava-se extremamente difícil e, por vezes, perigosa a saída das viaturas, as quais eram forçadas a executar lentas e arrelhadoras manobras para entrarem ou saírem do quartel. Por vezes produziam-se “engarrafamentos” de trânsito, que davam lugar a aborrecidos atrasos e que eram causados por condutores repontões, que se insurgiam contra nós, atribuindo-nos a culpa do que sucedia.

Era uma arrelia, uma constante dor de cabeça.

Em vista disso, a direcção e o Comando da Corporação concluíram que eram absolutamente necessário, para se acabar com aquele inferno, construir um quartel, embora modesto, mais situado num local amplo e apropriado, no centro da vila. Essa resolução veio precisamente ao encontro dos desejos do Corpo Activo, que se comprometeu (e cumpriu briosamente), a trabalhar para esse seu tão grande anseio se concretizasse.

Jaime Guedes, ao tempo presidente da Direcção dos Bombeiros (???) e simultaneamente vereador da Câmara Municipal, aproveitou essa feliz oportunidade e falou sobre o assunto, com os restantes vereadores – Dr. Mário Bernardes Pereira, Capitão Afonso Alves de Araújo, Alberto Gonçalves Martinho e Dr. Abel Duarte Teixeira de Araújo - e solicitou-lhe a sua concordância no pedido que em breve iria fazer (...)

De facto, numa das primeiras sessões realizadas, ele apresentou uma proposta, na qual solicitava que o município adquirisse e entregasse aos bombeiros um pequeno prédio, situado na Av. Sebastião Ramires, onde em tempos esteve instalada a Associação de Socorros Mútuos 1.º de Maio, e terrenos anexos, afim dos Bombeiros Voluntários ali construírem o quartel de que tanto careciam.

Essa proposta foi aprovada por unanimidade, demonstrando a vereação, por essa forma, a sua simpatia pela velha e gloriosa Corporação (...)

Mas, Jaime Guedes, não deixou arrefecer o entusiasmo do momento, numa outra proposta, que igualmente foi aprovada, solicitou a concessão, aos Bombeiros, de um subsidio de cinquenta mil escudos, destinado a custear as primeiras despesas da construção do tanto desejado quartel.

Estava dado o primeiro e gigantesco passo para a concretização do grande e sublime sonho que a nós, velhos bombeiros, há muito nos embalava.

Jaime Guedes, filho de bombeiro e irmão de bombeiros, iniciou imediatamente as necessárias demarches, destinadas a levar a cabo essa grande obra, que hoje constitui um motivo de orgulho para a gente da Régua – e que é o modelar quartel dos seus bombeiros.

A planta do prédio foi imediatamente executada pelo distinto architecto Oliveira Ferreira, autor do projecto da capela do Asilo José Vasques Osório, e a empreitada da obra adjudicada ao mestre pedreiro Anastácio Inácio Teixeira, reguense de gema e artista admirável, que burilava a cantaria com primor, o mesmo enlevo e carinho como que as nossas lindas minhotas consagram às suas artísticas e primorosas rendas de bilros.

A sua proposta foi, muito sensivelmente, a mais baixa que se recebeu.

Já o prédio estava muito adiantado quando se constatou, com enorme surpresa e desgosto, que havia errado o orçamento que figurava na sua proposta e que, nessas circunstâncias, não poderia concluir a obra pela qual tanto se interessava e tanto o envaidecia.

Restavam-lhe, pois, duas alternativas:

A primeira, que muito a amigável e sinceramente lhe foi sugerida pela própria Direcção dos Bombeiros, era que parasse imediatamente com a obra e que se

tranquilizasse, pois nada lhe seria exigido, - sugestão essa que terminantemente rejeitou.

E a segunda – que ele seguiu sem vacilar – foi concluir a obra, vendendo ou hipotecando os seus modestos bens, para poder cumprir com a sua palavra.

E não houve forças humanas que o demovessem, que o fizessem mudar de ideias.

E assim terminou a obra.

Sabe Deus com que desgosto, com que sacrifício esse homem, já velho e cansado, nessa altura, se despojou de um pequeno património (que levava a vida inteira a construir) para poder cumprir com a sua palavra”.